

Preço avulso — 20 réis

GRANDE ELIAS

SEMÁNARIO
ILUSTRADO, LITTERARIO E THEATRAL

REDACTOR PRINCIPAL SECRETARIO DA REDACÇÃO

Joaquim dos Anjos

Hogan Teves

PROPRIETARIOS: — Hogan Teves, Henrique Pereira e João Costa

Redacção e Administração — Largo do Conde Barão, 50, 2.º

ASSIGNATURAS

LISBOA — Série de 15 numeros 300 rs.
FÓRA DE LISBOA — Série de 15 numeros 400 rs.

LISBOA

13 de outubro de 1904

Editor: THOMAZ RODRIGUES MATHIAS

Composição e Impressão na Typographia d'«A EDITORA»
Largo do Conde Barão, 50

Indivíduos Artísticas

Georgina Cardoso

— O meu caro collega faz-me umas notas biographicas para acompanhar no proximo numero do *Grande Elias* o retrato da sympathica actriz Georgina Cardoso?

— Eu?

— Sim e por que não?

— O seu pedido deixa-me sériamente embaraçado.

— Ora essa, porquê?

— Porquê? Porque devo começar por declarar que por muitos e diversos motivos não o posso fazer.

— !?! . . .

— Entre esses motivos figura o de a gentil e estudiosa actriz haver sido por mim conhecida apenas em uma peça de que eu fui um dos auctores.

— Sim, mas? . .

— Então eu hei de falar da Georgina, da minha *Preta do Mexilhão*? isto não me será levado á conta de um meio reclamo a mim proprio?

— Escreva, escreva, ninguem lhe pôde levar isso a mal.

— Mas eu apenas sei que ella veio do Porto, onde muito agradou, para a Trindade, onde se apresentou ao publico da capital em junho d'este anno e por tal signal, o publico não a pode ficar conhecendo ás *claras*, visto que ella vinha preta.

— Não é uma razão, você pôde dizer das aptidões da actriz!

— Quanto a isso é certissimo, e que ella as tem e muitas, não resta duvida; tanto mais que, possuindo uma voz muito bem timbrada, uma figurinha insinuante, um *quê* de theatro muito apreciavel, pôde e deve considerar-se já como um dos bellos elementos que possui na sua companhia o infatigavel Taveira, em quem ella encontrou um mestre, que lhe fará realçar os meritos. Mas só isso, não será pouco?

— Escreva meu caro, escreva.
— Mas olhe que ainda tenho mais uma objecção a fazer.

— Diga.

— E' já costume velho e *revelho* quando se trata de escrever uma biographia, ir procurar datas aqui e além, chegando-se até, por uma fórma *encapotada*, como se diz no vulgo, a solicitar do proprio biographado os esclarecimentos necessarios.

— Faz, porque ella é tão graciosa, que se eu lhe dêsse uns mezes a mais na idade, commettia um erro imperdoavel.

— Mas não fale em tal.

— E se julgam mais velha essa delicada figurinha que tão bem pisa o palco da Trindade, onde se salienta artisticamente, com a linha fina, irreprehensivel do *Espelho da verdade* e a *silhouette* elegante dos *Frades mostenses*, peças em que ella nos faz ouvir a sua delicada voz?

— Sim, n'esse ponto . . .

— Dá-me razão. Ora já vê o meu caro amigo que me seria difficilimo fazer uma biographia com tão poucos elementos. A D. Georgina Cardoso certamente com o seu virginal sorriso me perdoava a ousadia de ter trazido para o *Grande Elias* essas linhas incompletas em dados e notas, mas eu ficaria muito mal disposto com a minha consciencia.

— E d'ahi?

— Já vê que não posso satisfazer o seu pedido como tanto desejaria. Sirva-lhe de desculpa este *interview* que commigo teve e peça tambem em meu nome desculpa á distincta actriz.

EDUARDO COELHO.



Actriz Georgina Cardoso



O paradoxo do comediante

Em tempo, quando todos imaginavam que um actor que conseguia impressionar profundamente as platéas, com os gestos, os gritos, as expressões dramaticas ou tragicas, sentia o seu papel, se incarnava na personagem que representava e arrancava portanto ao sentimento proprio, ao seu proprio sofrer, a faculdade emocionante, Diderot veio dizer terminantemente: é falso.

«O actor não sente, nem tem necessidade de sentir. Todo o seu talento consiste, justamente, em vos enganar, dando-vos, por arte, os signaes exteriores de sentimentos que o não affectam. Gestos, vozes, tremores de voz, desmaios, furias, tudo imitação, estudo previo, ficção.»

— Pois sim, mas que tem isso?

— Que tem? Tem que eu não falei em semelhante coisa com a D. Georgina Cardoso!

— Não importa!

— Importa sim! Não posso dizer quando ella pisou o palco pela primeira vez, qual a peça em que se apresentou ao publico, e os outros *berbicachos* do estylo.

— Talvez não faça ao caso.

Esta opinião correu mundo, fixou-se, dominou. Hoje, mesmo, serve de base para justificar criticas desleaes, em preferencias doentias ou malévolas.

Diderot, para enunciar o seu paradoxo, fundou-se nas declarações de actores eminentes, diz elle.

A base não podia ser mais falsa. E' da psicologia do actor — o mentir em primeiro lugar; em segundo lugar, oppõe-se contra a possível sinceridade da declaração o facto dos estados emotivos fugirem ao dominio da vontade e n'estes só se poderem notar os pensamentos mais insolitos, mais fóra do momento, mais conscientes.

De resto, é um facto psicologico que a continuidade das metamorfoses moraes annula a noção da verdade, nos individuos, de modo a não possuirem a certeza da sinceridade, n'este ou n'aquelle momento.

A deposição do actor peca pois, sempre, ou por falta de sinceridade, ou por engano inconsciente

*

E' axiomático que um actor só pode revelar-nos os seus estados intimos exteriorisando-os e que essa revelação será tanto mais perfeita, completa e grande, quanto maior fôr a somma de verdade d'essa exteriorisação.

Ora, está provado, scientificamente, experimentalmente, que se não póde dar á fisionomia uma expressão qualquer, de alegria, de odio, de terror, sem que se sinta, n'um grau determinado, a emoção correspondente.

Collocae-vos por algum tempo n'uma posição de abandono, de abatimento: em pouco tempo tereis a impressão de sofrimento; crispae os dedos e dae um grito de raiva: pelo cerebro passar-vos-ha uma nuvem de colera.

No estado normal, a explicação d'este fenomeno póde attribuir-se, exclusivamente, a uma associação de idéas, que desperte no experimentador os estados affectivos correspondentes.

Não é assim. Collocando o cerebro fóra da possibilidade dessas associações vê-se que ás posições proprias de qualquer sensação affectiva corresponde, na fisionomia, a expressão nitida d'essa sensação.

A uma pessoa posta em estado de somnambulismo collocae os braços e as mãos n'uma attitude aggressiva, ao mesmo tempo, os musculos da face contrahir-se-hão na expressão da colera. Modifiquem-se as posições. Eleve-se-lhe a cabeça para o céu, levantem-se-lhe os braços, afastados, para o alto, na simulação de um abraço a uma pessoa longinqua e vêr-se-ha sobre a face uma expressão beatifica, de felicidade, de santidade, o extase, emfim.

Isto prova, claramente, que os nossos sentimentos e a sua mimica formam um conjuncto de fenomenos solidarios e que é impossível produzir uns sem despertar os outros. Quer dizer: a emoção moral e a emoção fisica estão, absolutamente, unidas.

Se assim é, todo o actor que, n'um dado momento, é capaz de produzir uma profunda emoção, pela verdade da exteriorisação de sentimentos, é porque n'esse momento sente vivamente, é dominado por uma emoção verdadeira e profunda.

O paradoxo de Diderot é falso, absolutamente.

*

Ha uma apparente contradicção a desfazer

Como se explica que o artista (qualquer que seja) mas refiram-nos ao actor, não estando a representar, reflectidamente, a sangue frio, não ultrapasse os limites da verdade, possa executar o seu plano, preparar os seus efeitos?

A explicação está n'um fenomeno organico, profundo e surpreendente, que Diderot desconhecia, hoje amplamente estudado: — o desdobraimento da personalidade.

E' uma illusão poetica e dramatica pela qual nós nos incarnamos n'uma outra personalidade e substituímos ao nosso Eu real, um Eu ficticio.

O estudo d'este fenomeno não póde ser feito n'um pequeno artigo; está, no emtanto, amplamente estudado depois de ter sido de ha muito sentido.

«Quando me arranco as entranhas, dizia Garrick, quando lanço gritos selvagens, não são minhas as entranhas, não são gritos meus os que eu solto, mas as entranhas e os gritos de um outro que eu concebi e que não existe.»

O verdadeiro actor, o artista, para representar o seu papel não se apropria apenas dos sentimentos da personagem: confunde-se, identifica-se com ella.

O grande poder de identificação, de substituição, cria os grandes artistas.

Todos os artistas vivem, pois, no momento em que produzem, duas existencias, uma normal, outra ficticia; desdobra-se, assim, em duas personali-

dades, cada uma com a sua actividade propria, uma intellectual, outra passional.

E' do equilibrio d'estas duas forças que resulta a harmonia da obra; ou melhor da acção moderadora, ponderadôra, da primeira sobre a segunda, da intelligencia sobre a paixão.

Todos nós sentimos, nos nossos momentos de cólera, ou de qualquer outra paixão, esta força intellectual refreando os impulsos passionaes de uma excitação dominadora.

Isto significa que o perfeito sangue frio é compativel com a mais viva excitação, facto que á primeira vista parece inadmissivel e que não é mais do que uma verdade de facil alcance.

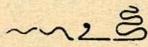
Não ha pois contradicção alguma na real emoção do actor e no equilibrio, nos calculados efeitos do seu trabalho.

Pelo contrario, este será tanto mais elevado, quanto maior fôr o grau de sensibilidade do artista, isto é, quanto mais facil lhe fôr a emoção profunda, que arrasta ao — desdobraimento ou duplicação da personalidade, porque só assim elle poderá dar as minucias sublimes, intangiveis, pela intelligencia, que caracterizam os actores de génio, os Emanuel e as Duse.

Que o paradoxo do comediante, já fastidioso e falso, descance em paz!

Ribeira de Pontevel, 20 — Setembro — 904.

MARCELLINO MESQUITA.



Rosa Damasceno

Poente de ouro afogueado, o d'aquella tarde: de horizonte diaphano, azulado, nitido, gloriosamente luminoso; havia espalhada pela atmosphera, com suprema arte, como uma aureola suave, como um enorme resplendor d'essas lindas figuras bizantinas, a dar a cada objecto, grande ou pequeno, um realce de majestade e de doçura que me empolgava e me attrahia como uma terna caricia de mãe. Era a essa hora que o Campo Santo se enchia, por entre a alvura immaculada dos jazigos, de senhoras e homens, rigorosamente vestidos de negro, amargurando-lhes o rosto uma saudade sincera e pungente.

Os turnos succediam-se aos turnos, e a urna sopesada pelos pulsos vigorosos de collegas dedicados e commovidos, caminhava lentamente por entre alas de gente respeitosa e triste, seguida por uma multidão compacta, onde se divisavam representantes de todas as classes sociaes, e que manifestavam, na attitude concentrada e na expressão severa da physionomia, quanto sentiam a perda da extincta a quem iam prestar aquella derradeira homenagem. O prestito, depois d'uma curta demora na capella, dirigiu-se, por meio d'uma corredoura orlada de jaspes e marmores, agrupados em mausoléus de architectura variada, para o local do seu repouso eterno. Que espectáculo e que contraste aquelle!

O crepusculo roubara os tons vivos ao occaso, o sol escondera-se de todo, não sem ruborizar o azul esmaecido do céu, confundido n'esse instante, sem traço de separação, com o mar immenso que tambem trazia o seu concurso de preito do lorido á funebre cerimonia. O rio serpeava em baixo, ainda com gradações ceruleas, mal accusando as manchas negras dos navios; formava como um pedestal austeramente calmo e pittorescamente argenteo á linha de montes escuros, na crista dos quaes as vélas ainda muito brancas dos moinhos pareciam como alvissimos lenços a acenar n'um supremo adeus. Em redor, a essa hora tranquilla do entardecer, a natureza como que calara todos os seus rumores, o silencio tornara-se profundo, e das coisas animadas e inanimadas desprendia-se uma muda saudação de respeito e de pena, a quem, com a sua voz tão cris-

tallina e tão bem timbrada, tantas e tantas vezes cantara, me transmittira e me fizera comprehender todas essas sublimes creações feitas pelo bom Deus!

E enquanto se proferiam os discursos, em tom trémulo e compungido, perpassava-me pelo espirito, vigorosamente accentuado, esse vulto imponente de artista, essa figura gentilissima, de mulher, esse semblante de expressão dulcissima, esses olhos de bondosos e candidos effluvios, que nunca vi brilhar, quer no palco quer na rua, sem me subir do coração aos labios um sorriso de affectuosa sympathia.

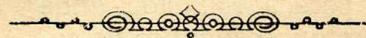
E, como acalentado n'um sonho agradável, a banir a horrenda realidade do momento, a memoria representava-me, com a flagrante verdade d'um bom cliché photographico, as personagens em que mais me impressionara a talentosa artista. E ouvia-lhe as inflexões ciciantes e meigas, ora trinando n'um gorgueio de infantil jovialidade, ora amortecendo-se n'um esbatido de voluptuosa confissão de amor, ora modulando-se em brilhantes e juvenis gargalhadas, ora aquecendo em tons rubros da indignação habilmente graduada, possuindo na voz, na forma como a emittia a mais deliciosa musica, a mais cariciosa melodia com que Deus dotara uma larynge.

Assombrosa na tonalidade da dicção, não era menos dominadora, menos insinuante, menos eloquente, menos admiravel no gesto, no modo de pisar, na naturalidade das posições. Uma tragica pode encher por si só um palco, arrebatando n'uma tirada de folego uma platéa, mas conseguir isso uma *ingenua*, alcançar que n'um papel, por vezes insignificante em si, estrugissem clamorosos os applausos, obter n'um rasgo de genio que os espectadores se apossassem da personalidade que interpretava, e que a amassem, e que sahissem do espectáculo com a impressão duradoura que ella lhe aprazia transmittir-lhe por um incomensuravel poder de suggestão, isso só o privilegiado talento de Rosa Damasceno!

Foi a alegria do theatro, como era o jubilo do lar, como era a Providencia dos pobres. E tudo cantava na sua alma, tanto as personagens que interpretava, como as amidades que tão espontaneamente sabia crear, como as necessidades a que acudia, escondendo meticulosamente a mão que as alliviava.

Quando acordei d'este bom sonho terminara tudo. O bater das grades de encontro ao marmore do jazigo annunciava-me que entre mim e a que fôra fulgurante artista se rasgara o insondavel abysmo da morte, e eu, que era, com certeza, uma das pessoas a quem ella menos conhecia, senti saltarem-me dos olhos duas lagrimas, purissima homenagem de saudade e de veneração, pelo seu formosissimo talento.

Eduardo de Noronha.



Primeiras representações

Theatro do Rato

Sem pés nem cabeça, revista do anno, original do sr. Antonio de Azevedo, com musica parte original e parte coordenada pelos srs. Luiz Filgueiras e Joaquim Alagrim.

Ha muito que não presenciamos um espectáculo tão interessante e sensacional, como o que se realisou na passada sexta feira no theatro do Rato, na *première* da revista phantastica e... lyrica, original do sr. Antonio de Azevedo.

Foi uma extraordinaria manifestação *sem pés nem cabeça!* Um *chinfrim* medonho em que uma

grande parte do publico mostrou desapiedadamente o seu rigor contra os modestos artistas, que em nada eram culpados da graça *sem cabeça nem pés* e piada *sem pés nem cabeça* que o auctor espalhou por todos os tres actos. Por esta razão, não podemos concordar com a attitude da maioria dos espectadores, attendendo a que estavamos no theatro do Rato, vendo representar artistas que não cursaram a aula dramatica do Conservatorio Real de Lisboa, e onde um *fauteuil* de orchestra custa 510 reis!

Em theatros onde as companhias são formadas, na sua maior parte, por artistas de elevada categoria, tem-se representado muita coisa *sem pés nem cabeça*, e nem por isso o publico se tem mostrado tão desapiedado e rigoroso como o foi com este modesto grupo, que bem digno era de mais protecção.

A sala estava litteralmente cheia, como geralmente succede, sempre que se annuncia a primeira de uma revista, vendo-se entre o escolhido publico das *premières* grande numero de artistas dramaticos, que aproveitando a folga dada pelos seus empregarios em signal de sentimento pela morte da chorada actriz Rosa Damasceno, alli foram para tambem se... distrahiem um pouco.

A grande maioria dos espectadores que do seu *fauteuil* assiste á primeira representação de qualquer peça, em especial sendo revista, não faz nem mesmo muito de longe, uma pequenina idéa da pressão nervosa que a pouco e pouco se vae apoderando do artista, á proporção que a platéa se vae tornando tumultuosa.

Chegam a esquecer completamente tudo quanto durante um ou dois mezes disseram de cór e saltado, perdendo todo o seu sangue frio, e sendo por vezes obrigados a encarar respeitosamente a platéa, como uma verdadeira *beata* encara os astros em dia de medonha trovoadas.

Ora conhecendo nós este pequenino *porquê*, cremos que os irrequietos espectadores nada lucraram em cortar scenas, e interrompendo constantemente os artistas.

Seria muito mais louvavel, que com um boccadinho de paciencia esperassem a quédia do panno para depois se manifestarem e fazerem a distribuição dos ramos e... *corbeilles* como melhor entendessem.

Sabemos perfeitamente o direito que assiste ao publico que paga; e lembramo-nos até do proverbio que diz: *Dae-me dinheiro não me deis conselhos*, e do outro que: *Quem dinheiro tiver, fará o que quizer*. Pagaram os seus bilhetes, por consequencia estavam no seu direito. Mas não achamos nada razoavel atacar assim quem não se póde defender.

O titulo para a revista, **Sem pés nem cabeça**, foi um verdadeiro achado! Não é facil descrever o enorme entusiasmo com que a maioria da assistencia, com as *cabeças* no ar, applaudia com os *pés* no chão! Um delirio! Isto apenas para corresponderem ao suggestivo titulo, não porque a peça lhes desagradasse.

Do desempenho, musica, etc., pouco podemos

dizer. Apenas notámos um certo ar de contentamento nos felizes professores d'orchestra, por só terem *setenta* numeros de musica nos tres pequeninos actos. Os artistas estafaram-se durante mez e meio em ensaios, mas em compensação o bom do nosso publico, para que descansassem um pouco, por vezes lhes cortou as falas. Emfim, d'este tão grande borborinho, apenas vimos salvar-se o scenographo Eduardo Reis Junior, porque não precisou falar. Serviu-se dos *pinceis* para se fazer comprehender e... comprehendeu-se muito bem, especialmente nos fins do primeiro e terceiro actos.

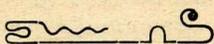
No meio de todo aquelle *chinfrim*, creio ser este um optimo incentivo para que o novel artista continue com verdadeiro amor e perseverante estudo.

Post-scriptum. — Fechamos este artigo *sem pés nem cabeça*, sobrescriptando, para quem nos queira entender, os seguintes proverbios:

Para uns: — *O poderoso deve sómente usar do poder da razão.*

Para outros: — *Soffra quem penas tem, que atraz de tempo tempo vem.*

J. C.



Instantaneos theatraes

Invento photographico do «Grande Elias»

8.º cliché

Figura muito elegante e a *maneira* altiva e fina são de uma comediante de talento fulgurante e doce voz, argentina.

Olhando-a bem no retrato, par'ceu-me, até, que lhe ouvi: — «Da scena sou grande ornato, creada em triste recato dos pobres de quem nasci.

E eu tinha o presentimento da minha gloria final, porque o meu primeiro alento, o meu forte incitamento foi de um Principe Real.»

Lembro-me, sim, d'esses dias... lembrança que me conforta. Que bem, senhora, fazias, com que amor tu soccorrias *Dois pobres a uma porta!*

A. G.

Festas, inaugurações e reprises

Theatro da Trindade

A *reprise* d'**O relógio magico** deu hontem uma enchente a esta casa de espectaculos.

A peça está realmente muito bem posta em scena, com um grande luxo de scenario e guarda-roupa. Taveira provou mais uma vez que se não poupa a trabalhos nem a despezas.

Todos os novos interpretes se esforçaram por imprimir ás suas personagens uma feição especial e correcta, mas (ha sempre um *mas*), apesar da correcção com que a actriz Georgina Cardoso cantou todo o seu papel, o gracioso *Diavolino*, nós lembramo-nos ainda do desempenho do mesmo, feito ha annos por Mercedes Blasco e Rosa Paes, isto sem querer recordar ainda Angela Pinto que eventualmente tivemos occasião de ouvir no Porto. Georgina Cardoso dispõe incontestavelmente de uma bella voz, tem boa figura para a scena, mas (lá vem o terrivel *mas*) precisa despir-se de uma certa frieza que, a nosso vêr, prejudica um tanto o valor do seu trabalho.

A novel actriz Bella Vaz, que pela sua intelligencia e feitio artistico se nos affigura virá a ser um bello elemento de theatro, foi confiado o papel de *Flór de Liz* que, se não estamos em erro, vimos pela ultima vez desempenhado pela actriz Maria Santos, que o fazia com muita subtilidade e graça. Bella porém, se não a excedeu, fez todo o possivel para agradar, e conseguiu-o, contribuindo muito para tal a sua voz fresca e harmoniosa e o encanto dos seus olhos negros de azeviche.

Quaesquer d'estas duas artistas foram com justiça muito applaudidas, assim como Thereza Mattos, artista de reconhecidos meritos, Rentini, Amelia Barros, Santinhos e Gomes, que interpretaram com grande correcção os seus differentes papeis.

O conjuncto agradeu sem reservas, e **O relógio magico** certamente se conservará em scena durante muito tempo.

H. T.



MOVIMENTO THEATRAL

Depois do carnaval subirá á scena no theatro D. Amelia o drama de Perez Galdós, **O avô**, traduzido pelo sr. Eduardo de Noronha, nosso prezado e talentoso collaborador.

** **A pedra de toque**, a nova peça em quatro actos de Augier e Sandeau, traduzida pelo nosso amigo sr. Mello Barreto, que brevemente

19 Folhetim d'O GRANDE ELIAS

ANDRÉ DEL SARTO

Drama em dois actos, de Alfredo de Musset

ANDRÉ

O Cordiani tambem?... Estou afflictissimo com a morte do Gremio.

LUCRECIA

Eram muito amigos.

ANDRÉ

Que tem isso? Todos os dias se perde um amigo; é uma coisa vulgar ouvirmos dizer que este ou aquelle morreu ou ficou arruinado. Dança-se por cima d'isso.

SCENA VI

LUCRECIA, ANDRÉ, LIONEL, DAMIANO e SPINETTA

ANDRÉ

Vamos, meus bons amigos, para a mesa! Teem

algum cuidado, alguma pena no coração? pois devem-se esquecer de tudo. Ah! devem tel-a com certeza... não ha homem nenhum que não a tenha. (*Sentam-se.*)

LIONEL

Por que fica um lugar vasio?

ANDRÉ

O Cordiani partiu para a Allemanha

LUCRECIA

Partiu!... O Cordiani?

ANDRÉ

Sim, para a Allemanha; Deus o leve em bem!

LUCRECIA (*baixo, ao Damiano*)

E' verdade, Damiano, ter elle partido?

DAMIANO

E' verdade.

LIONEL

Está mau tempo para viajar. (*Ouvem-se trovões.*)

ANDRÉ

Meu velho Lionel, a nossa mocidade está alli dentro. (*Mostrando as garrafas.*)

LIONEL

Fale por mim, mestre. Que a sua possa durar ainda muito tempo, para bem dos seus amigos e da nossa terra.

ANDRÉ

Moço ou velho, que quer dizer essa palavra? Os cabellos brancos não fazem a velhice e o coração do homem não tem idade.

LIONEL

Deixou por acaso as suas esperanças?

ANDRÉ

Parece-me que ellas é que me deixaram a mim. Ó meu velho amigo! a esperança, é como a musica guerreira: conduz ao combate e divinisa o perigo; tudo é tão bello, tão facil, quando ella resoa no fundo do coração! Mas no momento em que a sua voz expira, o soldado pára e quebra a espada.

(*Continúa.*)

entra em ensaios no theatro de D. Maria II, foi assim distribuida:

Frantz Wagner, Luiz Pinto; *Spiegel*, Ferreira da Silva; *Barão de Betghausen*, Joaquim Costa; *Gottlieb*, Cardoso Galvão; *Sturm*, Pinto de Campos; *Peterman*, Sampaio; *Criado*, N. N.; *A Marquiza de Rosenfeld*, Beatriz Rente; *Frederica*, Cecilia Machado; *Dorothea*, Luz Velloso.

** O nosso presado amigo e collega do *Diario de Noticias* sr. Eduardo Coelho está concluindo uma comedia burlesca em tres actos e sete quadros que tem por titulo **O Cabo Ruivo**. A musica será do sr. Julio Neuparth.

** A comedia em tres actos **Heureuse**, que, como já dissemos, será a primeira peça nova a subir á scena no theatro D. Amelia, foi traduzida, com o titulo **Gilberta**, pelo brilhante escriptor dr. Cunha e Costa.

** Entrou em ensaios no theatro da Rua dos Condes a apparatusa operetta **Uma noite em Veneza**.

** Foi escripturada pela empreza Souza Bastos, para fazer parte da companhia do theatro Avenida, a novel actriz Etelvina Serra, uma das mais laureadas alumnas do Conservatorio e que no concurso musical foi premiada.

Etelvina Serra estreia-se brevemente n'aquelle theatro na afamada operetta **Fausto o Petiz**.

** No theatro do Gymnasio estreiou-se hontem, fazendo com geral agrado o papel de ingenua na comedia **O commissario de policia**, a actriz Maria Lagôa, que tem uma figurinha gentil e graciosa e um palminho de cara muito formoso. Parece-nos que se estudar e seguir os conselhos dos mestres, virá a ser um bom elemento de scena.

** **Como se enganam mulheres** é o titulo da peça que o espirituoso escriptor sr. Eduardo Garrido está traduzindo para as recitas de carnaval no theatro D. Amelia.

** No theatro da Rua dos Condes proseguem com actividade os ensaios da magica **Os cem mil diamantes**, que nos consta vae ser posta em scena com grande esplendor.

** Foi escripturado para o theatro Aguia de Ouro, do Porto, o actor Annibal Pinheiro, que na época passada fez parte da companhia do theatro do Gymnasio.

** A conceituada medica sr.^a D. Sophia da Silva escreveu uma peça em um acto, intitulada **Motete a duas vozes**, que destina ao theatro de D. Maria II.

** Está marcada para 12 do mez proximo, no theatro Normal, a primeira representação d'**A pedra de toque**.

** Fazem parte da companhia do theatro Aguia de Ouro, do Porto, entre outros, os artistas Alves da Silva, Ricardo Salgado e Adelina Nobre.

** E' a peça franceza **La Rebouilleuse** a destinada á época de carnaval no theatro de D. Maria II.

** Damos a seguir a distribuição da comedia **Os amores de um conselheiro**, que em breve sobe á scena no theatro do Gymnasio:

O conselheiro, Joaquim d'Almeida; *Rosado*, Augusto Machado; *Barão de Gumiel*, Cardoso; *Dr. Pimentinha*, Alegrim; *D. Bernardo*, Sacramento; *Ganabôa*, Simões Coelho; *Um reporter*, Raul; *José, criado do conselheiro*, Valle; *Georgina*, Jesuina Saraiva; *Nana, filha do barão*, Judith; *Mimi, idem*, Thirse; *Josepha*, Jesuina Marques; *Laura, filha de Josepha*, Palmyra Torres; *Maria, criada*, Laura Ruth.

** No theatro D. Amelia, que, conforme já dissemos, reabre depois de amanhã as suas portas, re-presentar-se-ha a **Magda**; no dia 16, **D. Cesar de Bazan**; no dia 17, **Madame Flirt**; no dia 18, **Sub-prefeito de Chateau-Buzard**, e no dia 20, a **Zázá**.

Grupo Dramatico União e Alegria

N'este florescente grupo realisa-se no proximo domingo uma esplendida recita, promovida pelo amator Carlos Sigisfredo Moraes Sarmento, subindo pela primeira vez á scena n'aquelle elegante theatro o drama em quatro actos, do sr. Napoleão de Victoria, *Jocelyn, o pescador de baleias*.

O espectáculo, que começa ás nove horas da noite, será obsequiosamente abrilhantado por um excellente grupo musical.

D'entre bastidores

Nos palcos da capital reina agora a epidemia dos debutes. Por signal não passa sequer um dia sem que venha annunciada a estreia de um artista. Costureirinha engraçada, farta de andar na modista, torce á costura o nariz, e bumba! Quer ser actriz! Amas e ajuntadeiras, meninas telephonistas, creadas e cozinheiras, todas querem ser artistas! E o publico, coitado, faz o papel de capacho, porque assim espézinhado. atura-as sem dar p'ra baixo.

Tvv.

O GRANDE ELIAS

Um volume, luxuosamente encadernado em percalina, com titulos a ouro, contendo as duas primeiras séries d'este semanario

PREÇO 1\$000 RÉIS

Está ja á venda em todas as livrarias

Retratos contidos no volume

Taborda, Virginia, Furtado Coelho, João Rosa, Rosa Damasceno, Eduardo Brazão, Barbara Volckart, Antonio Pedro, Augusto Rosa, Cesar Porto, dr. Manuel da Silva Gayo, Pedroso Rodrigues, Angela Pinto, Ferreira da Silva, Lucinda Simões, Valle, Adelina Abranches, Queiroz, Palmyra Bastos, Lucilia Simões, Visconde de S. Luiz Braga, Thereza Maitos, Joaquim de Almeida, Eduardo Schwalbach, Beatriz Rente, actor Simões, Marcellino Franco, Delfina Victor, actor Cardoso, José Carlos dos Santos, Adelaide Coutinho, Augusto Cesar de Almeida, Emilia das Neves, actor Mattos, Maria Falcão, João Gil, Silva Pereira, Amelia Pereira, João Anastacio Rosa e Francisco Costa.

Nestlé

Farinha Lactea

DA

LIVRARIA ECONOMICA
a collecção theatral,
variadissima e comica,
é a maior de Portugal.

Em livros de medicina
com bella parte anatomica,
ha lá verdadeira mina.
na **LIVRARIA ECONOMICA**.

E, nos de chimica, então,
podem ler bem que a noz vomica
dá venenosa poção.
na **LIVRARIA ECONOMICA**.

Em França ha grande catalogo
do que é sciencia astronomica;
pois cá se encontra outro analogo,
na **LIVRARIA ECONOMICA**.

Quem precisar corra lá,
embora o céu deite uns pingos;
ECONOMICAS fará
as suas compras, verá,
na **TRAVESSA - S. DOMINGOS**.

FABRICA NACIONAL PAPEIS PINTADOS

DE

de DIAS TEIXEIRA & C.^a

Papeis pintados para forrar casas, papeis mates, (cou-chés) e lustro, etc., para Lithographia, Typographia, Photogravura, Encadernação, Cartonagens, etc.

Depositos para venda a retalho: **José Narciso d'Aguiar & C.^a (F.^{ca})**, 13, Avenida da Liberdade, 17; **José Miguel dos Santos em C.^{ia}**, 102, Rua Nova do Almada, 104.

DEPOSITO GERAL E ESCRIPTORIO

25, RUA DE S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA, 27 - LISBOA

Lanternas

Para illuminação de estabelecimentos. — 2\$000 réis por mez, incluindo gaz, manga, lanterna e consola.

Pedidos á
SOCIÉTÉ ANONYME D'ECLAIRAGE INTENSIF
Rua do Crucifixo, 116 - Lisboa

FABRICA NACIONAL

DE

= Tintas typo-lithographicas

CANDIDO AUGUSTO DA COSTA

DEPOSITO

Rua Ivens, 70 - LISBOA